

Uso do território pelo circuito espacial produtivo de celulose em Eunápolis, sul da Bahia

Carolina Joly

R. Valdelice, 187 apto.105 – CEP:11680-000 – Ubatuba – SP, Brasil
carolina_joly@hotmail.com

Abstract. This study analyses the insertion of the spatial productive circuit of cellulose in Eunápolis, in the extreme south of Bahia state, with the installation of the Veracel Celulose enterprise. Result of a joint venture between Aracruz Celulose and Stora Enso, Veracel Celulose is one of the largest industrial plants of this world circuit. The research shows that land concentration increase, caused by the intensive land purchasing carried out by the company, and the large contingent of migrants attracted to Eunápolis, are not compensated by jobs offered and tributes paid by Veracel. So, this large cellulose venture brought little social and economic gains for people living in the region. As a conclusion, the regional development speech still do not consider the inequalities previously imprinted in the territory, on the contrary, it have only deepened them.

Palavras-chave: celulose, Veracel, Eunápolis-BA, desenvolvimento regional, território brasileiro.

O estudo dos circuitos espaciais de produção, segundo Santos (1985), colocado no contexto da questão regional do final da década de 70, contemporâneo do início do processo de reestruturação produtiva e da industrialização dos países periféricos, foi retomado por Santos e Silveira (2001) no final da década de 90. Essa abordagem metodológica constitui um tipo de estudo imprescindível para que se entenda a dinâmica produtiva dos países hoje ditos globalizados, especialmente os subdesenvolvidos. É preciso compreender o funcionamento dos circuitos, em sua maioria dominados pelos grandes grupos empresariais, para que se entenda melhor de onde vêm as crises que tanto perturbam o território hoje, resultado do excessivo *laissez faire* empregado pelo Estado e pelo mercado. Cabe à Geografia contribuir com esta análise do território usado, que para Santos (1996), afinal, é também uma das categorias analíticas de uma das principais instâncias sociais, o próprio espaço geográfico.

O estudo do circuito produtivo de papel e celulose constitui um bom exemplo de investigação do que realmente ocorre no território brasileiro, de situações veladas pela econometria do comércio exterior. O setor vem recebendo fortes investimentos internacionais, especialmente através da formação de *joint ventures* com as grandes empresas nacionais há quase uma década, pois, nos últimos anos, houve um crescente aumento no consumo mundial de papel e derivados, devido ao aquecimento generalizado da economia internacional, e, em especial, do mercado consumidor chinês.

As grandes empresas do circuito espacial produtivo de celulose têm feito grandes investimentos em novas unidades produtivas na América do Sul, onde o tempo

de desenvolvimento da matéria-prima é muito mais rápido que no hemisfério norte. Enquanto as reservas florestais da Escandinávia, do Canadá e dos EUA levam de 80 a 100 anos e algumas espécies entre 25 e 30 anos para atingirem a idade de corte, no Brasil esse período é de, em média, 7 anos. Esta se tornou uma das maiores vantagens comparativas do país.

O Brasil e o Chile foram os principais parceiros nesses investimentos, que, mais recentemente, também chegaram ao Uruguai. Somando os mercados das principais empresas transnacionais hoje instaladas no Cone Sul, (Botnia, finlandesa, Ence, espanhola, Stora Enso, sueco-finlandesa e Lorentzen, norueguesa), o domínio chega a 80% do comércio internacional de celulose. No entanto, é somente na escala da região e do lugar que é possível observar as mudanças, trazidas com a instalação desses grandes empreendimentos e, talvez, mensurar até que ponto os investimentos trazem ganhos reais para quem vive o território.

No caso deste circuito produtivo em especial, é possível afirmar que existe uma determinada porção do território brasileiro que abriga uma verdadeira *especialização produtiva*, voltada exclusivamente para a exportação de celulose. Constituída a partir do final da década de 70, esta especialização está localizada entre o norte do estado do Espírito Santo, o leste de Minas Gerais e o sul da Bahia. Aí foi instalada uma concentração de grandes empresas ligadas ao circuito, como a Aracruz Celulose, a Cenibra (Companhia Vale do Rio Doce) e a Bahia Sul Suzano, assim como suas respectivas áreas de floresta, sob forte apoio governamental. Essa região é a maior exportadora de celulose do país, que tem sua produção destinada, principalmente, aos mercados do hemisfério norte.

Essas empresas têm a seu dispor toda uma gama de infra-estrutura logística que inclui três modais de transporte, além de um terminal portuário exclusivo, de propriedade da Aracruz Celulose e da Cenibra (51% e 49%, respectivamente), localizado no litoral norte do Espírito Santo, no município de Barra do Riacho. A produção mineira chega ao porto através da Ferrovia Vitória a Minas (EFVM, pertencente à Companhia Vale do Rio Doce), que liga Belo Horizonte - MG à Vitória - ES, e passa por Belo Oriente - MG, onde se localiza a unidade produtiva da Cenibra. A produção capixaba é produzida na unidade localizada a dois quilômetros do porto, no município de Barra do Riacho - ES, transportada por caminhões. E a celulose produzida no sul da Bahia é transportada por barcaças que fazem a navegação de cabotagem, saindo da unidade produtiva da Bahia Sul, no município de Mucuri - BA e chegando ao porto no Espírito Santo.

O terminal portuário em Barra do Riacho - ES, que está sendo duplicado para atender ao aumento da produção dessas empresas, faz o embarque de grande parte da celulose produzida no país, nos navios de grande porte que atracam semanalmente ali. Além dessa função de escoar a produção, o porto também recebe insumos usados na produção de celulose, como sal, por exemplo, trazido de navio do Rio de Janeiro ou do Rio Grande do Norte. Dessa maneira, é possível perceber que este terminal portuário é o grande diferencial dessas empresas, que não dependem do frete rodoviário e utilizam o modal mais barato do país, que é a navegação de cabotagem. Essa vantagem operacional é refletida nos preços e na competitividade internacional da celulose produzida por essas empresas.

Em 2005, contudo, entrou em operação a mais nova empresa produtora de celulose para exportação na região, a Veracel, instalada no município de Eunápolis, próximo a Porto Seguro, sul da Bahia. Resultado de uma joint-venture entre a Aracruz Celulose e a sueco-finlandesa Stora Enso, a empresa possuía, até 2004, cerca de 165 mil ha de terras, distribuídas entre dez municípios da região. A capacidade atual de

produção da fábrica é de 900 mil toneladas de celulose branqueada por ano, ou 2.543 toneladas por dia. Com a duplicação da unidade, prevista para entrar em operação em 2010, a capacidade produtiva subirá para quase 2 milhões de toneladas por ano.

Para alcançar esta produtividade, a empresa necessita aumentar suas áreas de floresta, logo, continua a comprar terras na região. Essa prática, comum desde a chegada da empresa em 1996, vem causando um forte processo de inflação dos preços das terras na região, que se intensifica a cada ano. A valorização do hectare chegou a 267%, que antes de 2004 (ano em que a fábrica começou a ser construída) podia custar, em média, R\$ 1.200,00 e hoje custa R\$ 4.400,00.

Outra consequência visível nas paisagens da região é a constituição de uma verdadeira monocultura do eucalipto, que se estende por vastas áreas sem que se veja outro uso dado à terra. A criação de gado e a fruticultura, antes predominantes, agora são rapidamente substituídos pela cultura do eucalipto, mesmo que a empresa não tenha comprado a terra, pois a Veracel, assim como outras empresas, mantém um programa de arrendamento da produção. O chamado programa de fomento florestal vem cativando os produtores rurais da região, onde esses recebem um pacote composto por mudas, insumos e assistência técnica da empresa, além de um ganho anual para plantarem eucalipto em suas propriedades, já que o tempo de maturação e de corte da madeira é relativamente elevado (em média, sete anos). Essas práticas, por um lado, permitiram que os grandes proprietários mantivessem suas terras, mas, por outro, aumentou o desemprego no campo e o êxodo rural, pois as florestas plantadas empregam pouquíssima mão-de-obra, ainda menos que a criação de gado. Além disso, grande parte dos empregos gerados com a instalação da fábrica exigem qualificação, sendo destinados a profissionais vindos de outros estados.

A pesquisa também mostrou que houve um aumento da concentração fundiária nessa porção do território baiano, onde a grande propriedade já é comum. Como o tamanho mínimo para que as terras integrem o fomento florestal é de 50 ha, as pequenas propriedades são vendidas e anexadas a outras maiores, para então aderirem ao programa. Outro problema gerado pela monocultura do eucalipto têm sido o isolamento das pequenas propriedades que não aderiram ao seu cultivo. Como estão cercadas por imensos eucaliptais, até mesmo o seu acesso às estradas locais está comprometido, pois as árvores recobriram antigos caminhos. Esses proprietários se vêem impossibilitados de ir e vir, de vender seus excedentes agrícolas, e acabam também vendendo suas terras.

Essas consequências diretas da monocultura do eucalipto funcionam como mecanismos de expansão da mesma, aumentando cada vez mais a pressão social sobre o campo, que também se reflete na cidade. Eunápolis, cidade que abriga a fábrica da Veracel, têm sido o principal destino desses migrantes que deixaram o campo por conta da expansão do eucalipto. Além deles, a cidade passou a abrigar também mais de seis mil trabalhadores, vindos de outros estados para a construção da fábrica, entre 2004 e 2005, que não retornaram para suas cidades depois do término da obra. Os serviços públicos oferecidos no município, que já eram precários, estão seriamente comprometidos. A qualidade de vida dos habitantes piorou, de maneira geral, depois da construção da fábrica.

O resultado destas políticas da empresa, têm sido, portanto, o aumento do êxodo rural e da concentração fundiária, numa região historicamente marcada por desigualdades de todo tipo. Contudo, é preciso ressaltar também que as políticas territoriais da Veracel, assim como as das demais empresas já citadas que constituem a base da especialização produtiva desta porção do território, seriam muito menos eficazes se não contassem com o respaldo das políticas públicas que as sustentam. O empreendimento da Veracel, por exemplo, contou com vultosos empréstimos do

BNDES, concedidos pelo governo federal, que apoiou a iniciativa, juntamente com o governo estadual da Bahia, que asfaltou estradas, além de ajudar a construir e equipar um terminal portuário exclusivo da Veracel no município de Belmonte – BA. E a prefeitura de Eunápolis, por sua vez, concedeu descontos na arrecadação de impostos, além de permitir que a empresa faça a captação de água no Rio Jequetinhonha sem nenhum custo.

O discurso da geração de empregos e da arrecadação tributária é usado para justificar essas concessões dadas às empresas. No entanto, elas geram sim muitos empregos, mas quase não empregam os habitantes da região, pois são mão-de-obra desqualificada. E quanto à arrecadação, há dois aspectos envolvidos: um, é o fato de que muito pouco é coletado pelo município (através do ISSQN); e em segundo lugar, é o fato de que toda a produção da Veracel é destinada ao mercado externo, portanto, está isenta de tributação estadual (ICMS).

Esta dissertação*, portanto, investigou em que medida a especialização produtiva de um lugar ou região, a despeito dos muitos empregos e arrecadação tributária gerados, também tem contribuído para aprofundar as desigualdades historicamente constituídas na região, denotando um uso excludente e seletivo do território. A estatística do comércio exterior pode acabar, neste caso, por mascarar mazelas como a concentração fundiária, o êxodo rural, o desemprego e o aumento da violência no campo e na cidade.

Referências bibliográficas:

Santos, M. **Espaço e método**. São Paulo: Editora Nobel, 1985.88p.

_____. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.308p.

Santos, M. e Silveira, M. L. **O Brasil – território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.471p.

* Essa pesquisa, finalizada em Junho de 2007, foi financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP.